DESCORTINANDO AS DIFICULDADES NA PRODUÇÃO DE TEXTO

CORREIA, Daniela Santos Silva
danynha_silva@yahoo.com.br

FERREIRA, Maclá Santos
maclasinha@hotmail.com

SANTOS, Valdilene Porfírio dos
dicaporsa@yahoo.com.br

ARAUJO, Maria José Azevedo (Orientadora)
Graduada em Pedagogias pela Universidade Federal de Sergipe, Mestra em educação e professora do curso de Letras Português da Universidade Tiradentes.
azevedo1956@bol.com.br

RESUMO

Constatou-se através de pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica a existência de muitos alunos que embora se encontre abaixo da média quanto ao desempenho na ortografia, apresentam rendimento satisfatório em outros conteúdos, experiências de aprendizagem em outras disciplinas. Os anos de escolaridade vividos por esses alunos, muitos deles repetindo séries, não os teriam auxiliado a progredirem na ortografia, por razões diversas. A reflexão sobre a situação destes alunos, a não reprovação pelos erros ortográficos e a avaliação do seu desempenho, preferencialmente, pelo alcance de outros objetivos, é no mínimo humano. É preciso que o professor analise com o aluno sobre suas dificuldades, destacando e valorizando outras áreas de competência dos mesmos, para que ele entenda que os erros ortográficos necessariamente não vão barrar seu sucesso na vida escolar e profissional. A escrita, enquanto produção de texto, não se constitui em um ato de solidão, de intimidade exclusiva entre o produtor e o texto. A prática da escrita na escola é um fato monológico no qual o aluno escreve para si. A produção de texto é realizada dentro de uma perspectiva singular de linguagem. Dentro do contexto escolar a linguagem possui duas concepções, ambas de caráter monológico. A primeira traz a linguagem como expressão de pensamento, isto é, a escrita de um texto deve expressar a maneira qualitativa do pensamento de seu produtor. A segunda tem a linguagem como instrumento de comunicação que leva uma informação de um emissor para um receptor e exerce apenas essa finalidade. A atividade como linguagem, tanto na modalidade oral como na escrita, produz textos que assumem contornos diferentes em função das exigências impostas pelos diversos contextos de produção, pelas diferentes situações comunicativas. Se a prática de linguagem produz textos, refletir sobre a linguagem é necessariamente debruçar-se sobre as características que esses textos assumem em função do gênero a que se filiam e por sua vez compreender de que maneira tais gêneros cristalizam certas práticas sociais em torno da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Escola, Linguagem Oral e Escrita; Professor e Aluno.

ABSTRACT

The existence of many pupils was evidenced through the bibliographical qualitative research that even so if finds below of the average as the performance in the orthography, presents satisfactory income in other contents, experiences of learning in others disciplines. The years of school lived by these pupils, many of them repeating grades, would not have assisted them to progress in the orthography, for diverse reasons. The reflection on the situation of these pupils, not the disapproval for the spelling mistakes and evaluation of its performance, preferential, for the reach of other objectives, is at least human. It's necessary that the teacher analiysis with the students about their difficulty emphasize and determining other areas of ability of the same ones, so that it understands that spelling mistakes necessarily don't go to obstruct its success in the pertaining to school and professional life. The writing, while text production, if does not constitute in an act of solitude, exclusive privacy between the writer and the text. The practical one of the writing in the school is a logical fact mono in which the pupil writes for itself. The text production is carried through inside of a singular perspective of language. Inside of the pertaining to school context the language posses two conceptions, both of logical character mono the first one brings the language as thought expression, that is, the writing of a text must express the qualitative way it thought of its Writer. Second it has the language as communication instrument that takes an information of an sender for a receiver and exerts only this purpose. The activity as language, as much in the verbal modality as in the writing, produces texts that assume different contours in function of the requirements imposed for the diverse contexts of production, for the different communicative situations. If the practical one of language produces texts, to reflect on the language is necessarily to lean over itself on the characteristics that these texts assume in function of the sort the one that if they interect and in turn to understand how such sorts crystallize certain practical social around the language.

KEYS-WORD

School, language, verbal and writing: teacher and student.

INTRODUÇÃO

A produção de texto, atividade importante da área da Língua Portuguesa, devido a seu aspecto funcional, deve ser devidamente considerada e promovida pelo professor, uma vez que constitui a base angular da comunicação e a razão de ser da área. Da prática de produção de texto depende, em grande parte, o sucesso ou o fracasso da aprendizagem em toda atividade humana. Por isso, o trabalho gira em torno da avaliação de textos e como a mesma pode contribuir para o desenvolvimento do aluno.

Dialogar, discutir, opinar, discordar, ouvir, resolver problemas são formas de comunicação que possibilitam ao individuo poder atuar com dinamismo, segurança, eficiência e propriedade em todas as situações da vida. Daí a importância da prática de produção de textos, já que ao redigir o aluno expressa opiniões, faz julgamentos. No entanto, as escolas em geral reclamam das dificuldades dos alunos em redigir seus textos, mas não questionam a ação pedagógica implantada pelo professor. A escola não pode se esquecer de sua função socializadora, sendo o professor um profissional consciente de sua responsabilidade perante o aluno e a sociedade que aguarda cada um dos educandos.

O artigo se propõe, então a analisar estas questões, tomando por base teorias e princípios encontrados na bibliografia pesquisada, além de oferecer orientações metodológicas para o trabalho do professor com as atividades de produção de textos, de acordo com os PCNs criados e sugestões de autores constantes na bibliografia deste trabalho.

1 OS DESAFIOS NO ENSINO DA ESCRITA

Será que os professores estão preparados para lidar com as dificuldades na aquisição de escrita e ortografia? PELLEGRINI afirma que “Não é só o aluno que tem de desenvolver competências. O professor precisa dominar o ofício”. (2002, p.54). No entanto, exige-se que o professor seja dinâmico e crítico, buscando inovar suas estratégias de ensino. As dificuldades existem, as formas de superá-las precisam ser criadas.

> Penso que o ensino de ortografia não evoluiu como os outros aspectos do ensino da língua portuguesa. Se no caso da leitura e da produção de textos forma feitas várias transformações na atuação professor junto a seus alunos na sala de aula, na tentativa de resolver deficiências, acredito que o mesmo não ocorreu com o ensino da ortografia. (SOUZA; CARVALHO, 1995)

As escolas continuam sem uma meta definida para trabalhar a ortografia, por isso continuam, muitas das vezes, sendo um objeto de avaliação, de verificação e não de ensino.

Um exemplo claro são os ditados, onde o professor verifica se o aluno está escrevendo corretamente, ao invés de criar situações de ensino sistemático.

É comum ouvirmos dizer que o trabalho com a Língua Portuguesa não cabe apenas ao professor de Língua Portuguesa, é uma tarefa de todos. Mas sabemos também que o que é tarefa de todos costuma ser de ninguém. É importante definir o que é específico do trabalho do professor da área. Cabe aos professores conhecer os aspectos e conhecimentos envolvidos na produção dos textos, mas não tomá-los, propriamente, como objetos de ensino.

De maneira geral, podemos dizer que os conteúdos de ensino de Língua Portuguesa precisarão ser definidos em função das necessidades de aprendizagem dos alunos, que se articula com as finalidades educativas definidas no projeto pedagógico da escola e das possibilidades de aprendizagem colocadas (que se definem em relação ao grau de complexidade do objeto de ensino e em relação à dificuldade colocada para a tarefa a ser realizada).

O fundamental, no ensino de Língua Portuguesa, é que as práticas de escrita que se realizam fora da escola freqüentem a sala de aula, de modo a possibilitar ao aluno o aprendizado de todos os conhecimentos com os quais se opera nessas situações. Uma recomendação é imprescindível é que o professor, ao organizar a atividade de escrita, apresente ao aluno as características do contexto de produção: Para quem escreverá; Qual a finalidade; De que lugar escreverá; Onde circulará o texto; Em que portador será publicado; Em qual gênero deverá ser organizado o texto. Essas características impõem restrições aos textos determinando escolhas, das quais devem ser respeitadas, sob pena de o texto resultar ineficaz.

Outra recomendação importante segundo o autor Donald Weiss é perder o medo com relação à escrita, escrever como se estivesse falando, é necessário ler sem medo sem preguiça, fazer vários rascunhos, ler em voz alta o texto escrito para descobrir as falhas, tudo isso são

técnicas indispensáveis e o restante advém da coragem de não ter medo de errar e de ser criticado por alguém que nunca escreveu nada, mas que está sempre pronto a destruir a criatividade do outro.

Na escola, uma grande dificuldade enfrentada pelos alunos com relação ao escrever refere-se à necessidade que eles têm de deixar a linguagem coloquial, “aquela do dia-a-dia”, e passar a se expressar por escrito, numa linguagem mais formal e mais cuidadosa. A fala por ser mais espontânea, menos cerimoniosa e com certeza mais fácil que escrever, e pelo fato de a escrita ter normas próprias, exige deles que obedeçam a essas normas. Outra questão muito comum entre os alunos é dizer que aquele dia “não está inspirado”, que não vão conseguir escrever.

Professores podem e devem planejar um ambiente, em sua dimensão tanto física quanto social, no interior da unidade escolar, mais especificamente na sala de aula, que se constitua num espaço cultural capaz de instigar, sugerir, certos conhecimentos, atitudes, valores, desejos e reflexões. Uma orientação eficiente para a prática de produção de textos, na escola, deve envolver procedimentos fundamentais distribuídos em dois grandes momentos: o que antecede e o que coincide com o ato de escrever, propriamente dito. No primeiro momento, há que se orientar na busca de conteúdos (idéias, opiniões, informações) a serem colocados no papel; no segundo, não menos importante, deve-se preocupar com o modo de fazê-lo, resgatando e apresentando habilidades de estruturação do texto que permitam conseguir um texto coeso e coerente com as idéias e intenções do autor. Os alunos devem estar convictos de que escrever é expressar idéias, conceitos, informações, sentimentos, sensações de maneira clara, coesa e coerente com aquilo que se deseja e cabe ao professor ensinar-lhes a selecionar e manipular tanto palavras e frases como idéias conceitos e informações para que possam obter o resultado desejado em sua produção textual.

2 LEITURA: PROCESSO INTERATIVO ENTRE O LEITOR E O TEXTO

O ato de ler geralmente é relacionado com a escrita, e o leitor visto como decodificador da letra. Mas é só isso? Basta decifrar palavras para acontecer a leitura? Com o tempo, descobre-se o sentido, um novo modo de ver a mesma coisa. É quase como se fosse uma revelação. Com freqüência nos contentamos, por economia ou preguiça, em ler superficialmente, “passar os olhos”, como se diz. Não acrescentamos ao ato de ler algo mais de nós além do gesto mecânico de decifrar os sinais.

Interessante é que geralmente reagimos assim ao que não nos interessa no momento – um discurso político, uma conversa, uma aula expositiva, um livro. A tendência natural é ignorar, rejeitar como nada tendo a ver com a gente. Causando a dificuldade no que tange a escrita e o desenvolvimento de textos.

Embora o aprendizado, o desenvolvimento da capacidade de leitura possa ser algo mais complexo, ambas as experiências evidenciam a curiosidade transformando-se em necessidade e esforço para alimentar o imaginário. Ou seja, a necessidade de desvendar os segredos do mundo e dar a conhecer o leitor a si mesmo através do que lê e como lê.

O ato de ler e escrever têm sido valorizados. Entretanto, muitas vezes tem se transformado num instrumento de poder pelos dominadores – mas também pode vir a ser a liberação dos dominados. Sem querer conceituar ou definir, mas discutir de o porquê da leitura, o livro “O que é leitura” de Maria Helena Martins, nos apresenta três níveis de leitura que se relacionam, sem hierarquia, ao mesmo tempo, são eles: sensorial, emocional e racional.

O nível sensorial traduz no primeiro contato com o texto ou situação, relaciona-se diretamente com os nossos sentidos. Trabalhar com acriança através dos sentidos, apresenta um prazer singular (maior que o adulto) e curiosidade. Como se dá a leitura sensorial? Antes de ser um texto escrito, um livro é um objeto. Esse jogo com o universo escondido do livro

vai estimular na criança o aprimoramento e o desenvolvimento da linguagem, desenvolvendo sua capacidade de comunicação e reação ao mundo.

O nível emocional nos leva a interpretação subjetiva que o nível sensorial nos trouxe. É preciso pensar a leitura como algo que provoca – ou não – empatia (participação afetiva).

Neste contexto, é preciso pensar o texto não mais como algo que o leitor sente, mas como algo que acontece com o leitor – o que ele faz, provoca em nós. Já o nível racional, presente em textos narrativos, busca a interpretação correta, a objetividade dentro da situação ou texto em leitura.

A proposta de Maria Helena Martins é observar a competência para criar ou ler tanto por meio de textos escritos quanto de expressão oral, música, realidades cotidianas etc. Então, a leitura racional é intelectual quando elaborada por nosso intelecto – estamos falando de um processo eminentemente reflexivo, dialético. Ou seja, ao mesmo tempo em que o leitor sai de si, em busca da realidade do texto lido, sua percepção implica uma volta à sua experiência pessoal e uma visão da própria história do texto, estabelecendo um diálogo entre o texto e o leitor com o contexto no qual a leitura se realiza. A leitura racional implica em reflexão, em atribuir significado ao texto e questionar tanto a própria individualidade como o universo das relações sociais.

2.1 A interação dos níveis de leitura

Não há uma hierarquia entre os níveis de leitura. Entretanto, a tendência é de que a leitura sensorial anteceda a emocional e tenhamos, por fim, a leitura racional. Também não se deve supor a existência isolada de cada um desses níveis. Curioso é que mesmo que o leitor esteja se propondo uma leitura a certo nível, é a dinâmica de sua relação com o texto que vai determinar o nível predominante.

Salientamos que, há tantas leituras quantos são os leitores – há também uma nova leitura a cada aproximação do leitor com um mesmo texto (ainda quando mínimas as suas variações).

Particularmente os alunos de ambiente sócioeconômico-culturais desfavorecidos – cuja fala se afasta da variedade culta, que a convenção ortográfica tenta representar – não desempenham o devido papel na aprendizagem da ortografia e devem ser melhor compreendidos pelos professores.

Diante disso, é imprescindível criar oportunidades para que a própria criança possa refletir sobre as dificuldades ortográficas da língua escrita. Efetivamente, tais dificuldades, apresentadas não só pelas crianças, mas também pelos adultos, é inegável, isso se deve principalmente ao meio em que vive.

“O grupo sociocultural de origem, de fato tem-se revelado um fator responsável por subdomínios ortográficos devido às dificuldades de oportunidade de conviver com a língua escrita impressa”. (GUEDES, 2002).

Conforme o autor, as crianças que têm acesso a variados textos, têm maiores chances de escrever bem, pois a ortografia pode ser adquirida de diferentes maneiras como: memorização, leitura e treino da escrita. Os bons leitores têm grandes chances de escrever bem, já que a leitura fornece a matéria-prima para a escrita. Quem lê mais dispões de um vocabulário mais rico e compreende melhor a estrutura gramatical e as normas ortográficas da língua portuguesa, quanto mais variados forem os textos, mais habilidades os alunos terão na leitura e escrita.

A fala e a escrita tem grande parte em comum, pois ambas se utilizam do sistema lingüístico. A escrita é o modelo da fala padrão, mantida e ensinada pela escola e difundida pelos meios de massa. Para que o individuo aprenda a ler e escrever, ele precisa aprender a sua língua padrão. A língua escrita e a variedade de língua falada, pois são totalmente

desconhecidas. Quando o individuo entra em contato com a escrita, à medida que ele vai aprendendo a ler e a escrever, mais vai aumentando a sua competência e melhorando seu desempenho na produção.

Essas duas modalidades devem ser levadas em consideração às diferenças, nas situações comunicativas em que as mensagens faladas e escritas são processadas. Na comunicação oral, o falante sabe com quem esta falando, pois os interlocutores estão presentes fisicamente. A comunicação escrita e diferente. Alem da necessidade de aprendizagem formal, a escrita requer do produto do texto um trabalho de elaboração mais cuidadoso. Escrever é um ato planejado, exige conhecimento, tempo e paciência, entre outros, pensarem, planejar e selecionar... Para depois escrever, por isso a escrita é um processo mais demorado do que a fala.

O sujeito e o ambiente: o individuo precisa saber que a língua escrita na nossa sociedade complexa e diferente da língua falada. As crianças mais bem-sucedidas na escola são aquelas que desde muito cedo estão expostas a experiências produtivas. Através de atividades o sujeito desenvolve uma capacidade para construir o significado com base na própria língua e não no contexto extralingüístico, como é freqüente na fala. O sujeito em seu ambiente familiar que lhes proporciona oportunidades de acesso a livros, revistas, jornais etc., e onde tem a sua disposição sistemática da escrita, tem maiores possibilidades de passar por uma evolução conceitual da escrita. Pois eles assistem a atos de leitura e de escrita que nem sempre são dirigidos eles, mas que as informam sobre o valor social da escrita em diferentes situações e usos sociais.

Muitos afirmam que escrever é uma tarefa que aponta várias dificuldades. É um aprendizado demorado já que são poucos que chegam a redigir textos de forma adequada. Além do mais no nosso cotidiano, a língua falada parece ocupar um espaço de maior prestígio, jornais falado, telefonemas, etc. substituem tradicionais meios de comunicação que

utilizam a língua escrita. A escrita se torna uma atividade dificultosa devido a simples questão de interpretação, é preciso que o indivíduo seja capaz de interpretar o material lido, ele tem que está ativo diante da leitura e para que isso aconteça é necessária à compreensão do material lido. Essa compreensão se caracteriza através da utilização do conhecimento, é mediante a interação de diversos níveis conhecimentos que o leitor consegue construir o sentido do texto.

Para amenizar a dificuldade de compreensão do texto é necessária uma leitura cuidadosa e compatível ao que o leitor já sabe. O texto escrito tem que estabelecer ligação entre as partes, deve apresentar coesão e coerência para garantir o sucesso dos objetivos da produção textual. Ao escrever um texto o leitor se baseia em quatro elementos centrais: repetição, progressão, a não contradição e a relação.

A repetição se dá através da retomada de elementos como palavras ou expressões sinônimas, essas repetições devem ser feitas com cuidado, a fim de que a escrita não seja prejudicada. A progressão complementa a repetição, esta garante a retomada de elementos passados, aquela garante que o texto não se limite a repetir indefinidamente o que foi dito anteriormente, já que num texto coerente deve-se sempre acrescentar novas informações ao que já foi colocado, equilibrando o que já foi dito com o que se vai dizer garantindo a continuidade do tema e a progressão do sentido. No texto não podem surgir elementos que contradigam aquilo que foi considerado falso ou vice-versa, os fatos e os conceitos também devem estar relacionados. Essa relação deve ser suficiente para justificar sua inclusão num mesmo texto. Para que se avalie o grau de relação dos elementos que vão construir o texto, é importante organizá-lo esquematicamente antes de escrever. Feito o esquema, é importante observar se a aproximação das idéias que serão feitas é realmente eficaz.

Na verdade, os alunos e professores poderiam encontrar na atividade de escrituração um espaço social de interlocuções, de respeito à opinião do outro de forma de expressão

lingüística e de pontos de vista diversos. Isto também é avaliação e ao mesmo tempo auto-avaliação. A avaliação é um perguntar-se constante e consciente, é um pensar livre, mas crítico, que ajuda a pessoa do aluno a se situar como agente de sua aprendizagem, de forma responsável e dinâmica.

Tentar ler e interpretar o que o outro escreveu é uma maneira de valorizá-lo, respeitá-lo, penetrando no seu íntimo, apreendendo aquilo em que ele acredita. Essa relação tão próxima e humana poderia fazer um bem imenso a quem estivesse tentando pôr para fora seu modo de ver as coisas e, também, para quem estivesse buscando escutar o outro, entendê-lo melhor. Uns e outros teriam de se debruçar sobre o texto despojados de seus medos, produzindo e analisando o texto em função do outro, da realidade social.

A exploração da escrita é muito menos freqüentes entre esses indivíduos das camadas populares pelo fato de que entre eles, há muito menos uso social da língua escrita. Muitos estão expostos a cartazes das ruas, televisão, conteúdos sem nenhuma contribuição, para o seu desenvolvimento formal. A presença e a variedade de objetos portadores de texto podem variar significada mente nessas classes sociais, assim como variam também as ações sociais de produção e interpretação de textos.

Com conseqüência no campo educacional temos indivíduos com diferenças sociais e culturais em relação com a língua escrita e o desenvolvimento das habilidades lingüísticas. Pode assim afirmar que o preparo de um individua para a leitura e a escrita depende muito mais das ocasiões sociais de estar em contato com a língua escrita.

A motivação do aluno - A leitura é um ato individual. Tratando-se de um movimento interior que se perfaz no intelecto do aluno, é necessário considerar-se a influencias de fatores efetivos intervindo no processo. A motivação do aluno, deve ser a maior possível. Daí a necessidade do incentivo por parte dos pais e dos professores, a necessária autoconfiança do aprendiz, muita tranqüilidade, isto é, a ansiedade precisa ser amenizada.

E por parte do professor, não se pode esquecer que ensinar, é, ter paciência, autoconfiança etc. Sua postura não deve ser conclusiva nem autoritária. Deve pedir atenção quando fala, ouvir os alunos quando respondem e ensina-los a si ouvirem uns aos outros; deve estabelecer na classe um clima de dialogo franco e interessado. A interação professor-aluno e alunos-alunos é como resultado a troca de experiências, ele deve incentivar a leitura de textos, e despertar o prazer de produção de seus alunos.

A escola tem sua prática de produção textual sedimentadas nessas concepções. Na prática organizada o aluno/produtor elabora um texto simplesmente para obter uma nota, preocupa-se apenas em levar uma informação acerca de determinado tema ao professor/receptor. O professor limita-se a uma prática gramaticalista de avaliação textual, na qual ele apenas assinala os erros no texto, subtrai os pontos da nota, e o devolve ao aluno sem apontar soluções para esses erros com isso professor encerra essa atividade, não retomando a esse texto para, por exemplo, uma possível reescrita.

Os critérios do professor para análise do texto devem ser gramaticais e lingüísticos em uma constituição interdependente. Dessa forma a produção textual e a linguagem adquirem uma outra concepção, uma forma dialógica na qual é levado em consideração todos os constituintes do processo comunicativo. Portanto o texto abrange além de uma simples informação, inserem-se nele outros fatores como as marcas pessoal do produtor, do contexto em que se está inserida, da formação discursiva a que se pertence da sua finalidade etc.

Essa abordagem possibilita trabalhar o texto mais profundamente tornando-se possível, além da questão gramatical, uma abordagem crítica, um estudo das diferentes modalidades textuais e de suas estruturas, como também trabalhar recursos e estratégias utilizadas para alcançar determinado objetivo.

O estudo da gramática é fundamental para a formação do individuo a se comporta lingüisticamente. Na sua modalidade falada, com individuo ou produto de textos orais. Nessa

modalidade à escola transmite-lhe as convenções da língua escrita, mas também de modo pratico. Os alunos precisam, aos poucos a prender a captar e manejar as formas da língua escrita, seja na condição de leitor,seja como produtor de textos. “O aluno deve ser levado a atuar e observar conscientemente a língua, a partir do que ele já sabe”. De falante, deve transformar-se em observador de sua própria linguagem.

Nas modalidades, oral e escrita, o grande objetivo é a clareza, a precisão e a adequação. Se o aquilo que o aluno disser, ler ou escrever, não estive claro, preciso e adequado, o professor deve fazer ou sugerir a correção, retificando o que estiver errado, corretando o que estiver a mais, substituindo o que estiver trocado. Nas atividades de linguagem, o ensino/aprendizagem de gramática é, ocasional, conforme as ocorrências reais de recepção e produção, oral ou escrita.

A ortografia inclui a grafia das palavras e a sua acentuação gráfica, ela não é um fim em se mesma, e sim um meio importante: meio de comunicação escrita. E importante motivar as crianças aprenderem a ortografia para que possam produzir corretamente. Saber grafar corretamente as palavras é útil para o individuo e para a sociedade. Para o individuo, por que é condição para o ingresso em empregos e sinal de educação e cultura, para a sociedade porque permite a comunicação entre os homens, no tempo e no espaço.

Motivado o aluno, é necessário que o professor se prepare se informe, se recicle. Ele precisa saber que a língua escrita é diferente da língua falada e diferente da escrita, deve estar informado de que no sistema ortográfico, é em parte fonético e etimológico. Isso quer dizer que, em algumas palavras, as letras representam sons da fala Ex: Capa [‘KAPA]. Mas nem isso acontece. Há muitas palavras em que as letras não representam sons da fala: Cama [‘KÃMA]. O professor não deve pensar em dizer aos alunos que a língua escrita é que é certa, e que a língua falada é errada. A língua escrita é apenas um retrato da língua falada, não uma

fotografia. A língua falada evoluiu rapidamente, pois a língua escrita esta sempre atrasada em relação à maneira de falar.

2.2 Produção de textos orais

O texto oral, diferentemente do escrito, uma vez dito não pode ser retomado ou reconstruído, a não ser em casos excepcionais de montagens para rádio ou TV. O planejamento de um texto oral, ainda que possa se apoiar em materiais escritos, se dá concomitantemente ao processo de produção: uma correção não pode ser apagada, é sempre percebida pelo interlocutor. Assim, o controle do texto oral só pode ocorrer de duas maneiras: previamente, levando-se em conta os parâmetros da situação comunicativa (o espaço, o tempo, os interlocutores e seu lugar social, os objetivos, o gênero) e, simultaneamente, levando-se em conta as reações do interlocutor, ajustando a fala no próprio momento de produção.

Dessa forma, ensinar a produzir textos orais significa, sobretudo, organizar situações que possibilitem o desenvolvimento de procedimentos de preparação prévia e monitoramento simultâneo da fala que:

a) Partam das capacidades comunicativas dos alunos antes do ensino;

b) Ofereçam um corpus de textos organizados nos gêneros previstos como referencia modelizadora;

c) Proponham atividades no interior de um projeto que deixe claro para o aluno os parâmetros da situação de comunicação;

d) Isolem os diferentes componentes do gênero a ser trabalhado e organizem o ensino dos conteúdos, estabelecendo progressão coerente;

e) Reintroduzam os componentes trabalhados isoladamente no interior de novas atividades de produção de textos orais, o que possibilita avaliar a apropriação dos conhecimentos pelo aluno e as estratégias de ensino.

Ensinar o planejamento simultâneo da produção ou enunciação do texto oral supõe:

a) A participação regular do aluno em situações de interlocução que contemplem as especificidades dos diferentes gêneros previstos, tais como:

- Discussão improvisada ou planejada sobre tema polêmico;
- Debate em que se confrontam posições diferentes a respeito de tema polêmico;
- Representação de textos teatrais ou de adaptações de outros gêneros, permitindo explorar, entre outros aspectos, o plano expressivo da própria entoação: tom de voz, ritmo, aceleração, timbre;
- Leitura expressiva ou recitação pública de poemas.

A análise da atividade discursiva realizada pelos alunos, tanto a partir de gravações quanto de observações de terceiros. Tais situações permitem ao professor e ao aluno avaliar as facilidades e dificuldades encontradas no processo enunciativo, a reação da audiência em função dos efeitos pretendidos, entre outros, de modo à instrumentalizar o aluno para melhorar seu desempenho.

2.3 Linguagem escrita – leitura e produção de texto

É sempre importante lembrar que o terreno da leitura é composto de inúmeras possibilidades, porque são inúmeras as experiências que os textos podem oferecer e inúmeros os propósitos com que as pessoas se aproximam deles. Os jornais, os livros podem informar sobre fatos da realidade e alimentar desejos e sonhos do que ainda parece ser impossível; podem colocar o leitor em contato com experiências humanas que jamais viverá, podem também traduzir sentimentos que o afligem e não pode expressar com clareza. Abrem as portas para o encontro com todos que vieram antes e os colocam em comunhão com aqueles que partilham do mesmo tempo. Oferecem prazer estético ajudam a encarar a vida ou proteger-se dela.

Apalavra texto em seu sentido etimológico, significa tecedura, contexto, trama. É uma enunciação construída com coesão e coerência. Envolve sempre uma intenção e como qualquer ato de comunicação, pressupõe um emissor e um destinatário. Todo texto envolve um enigma, e o seu entendimento decorre não apenas da compreensão de seu conteúdo temático, mas, de maneira decisiva, da identificação de sua intenção. É nesse ponto que se pode diferenciar aspectos envolvidos no ato de ler e observar a diferença de ler e interpretar.

Ler, lego em latim, significa colher tudo quanto vem escrito. Interpretar é eleger (ex-legere: escolher), ou seja, é selecionar os elementos fundamentais para realizar o sentido do texto. O leitor interpreta deve saber cumprir sua tarefa de decifrar, compreender, escolher, traduzindo fielmente o mesmo, servindo-se dialeticamente do outro. Quando o leitor compreende e interpreta a expressão escrita, torna-se um mediador que decifra uma mensagem, um mediador que faz uma co-enunciação resultante da possibilidade simbólica do evento do texto.

É fundamental no dia-a-dia escolar, ajudar o aluno a perceber essa dialética. Dessa forma, é muito importante trabalhar conceitos, procedimentos e valores que revestem esse processo, para que os alunos possam participar ativamente e essencialmente da construção da mensagem do texto. A escola, sem dúvida, é e o lugar privilegiado onde o aluno exercita os modos de abordar os textos, onde o aluno aprende esse diálogo com o que está escrito. Resulta daí a necessidade de trabalhar textos pertencentes a diferentes gêneros, explorando as possibilidades que todos eles deixam em aberto. Textos verbais (bilhetes, anúncios, convites, bulas, notícias, artigos científicos, verbetes, contos, crônicas, fábulas, novelas romances etc.) e textos não-verbais (fotos, desenhos, sons, gestos etc.) aguardam os olhos atentos de um decifrador, sempre disposto a perceber possibilidades que fazem parte da trama, da tecedura, da forma como estão apresentados.

A dialética do texto realiza-se quando o leitor desempenha bem seu papel, que é tão fundamental quanto o papel que desempenha o escritor. Compreender e interpretar são atualizar (tornar ato) as possibilidades que texto deixa em aberto. Por isso a leitura deve ser prioridade, ela fornece matéria-prima para a elaboração de textos, contribui para a constituição de modelos e cólica o leitor em contato com as formas de organização interna próprias aos gêneros.

A produção de textos escritos deve estar fortemente vinculada ao trabalho de leitura. Em todas atividades de produção de textos, a linguagem está a serviço da necessidade de comunicar pensamentos próprios e alheios: desenvolve a concentração, a observação, a abstração. Quando bem formuladas e conduzidas, essas atividades representam uma possibilidade concreta de rompimentos de limites físicos de movimento e visão, de quebra de fronteiras geográficas e temporais externas e internas, que, de outro modo permaneceriam intransponíveis.

Da mesma forma que no trabalho com a leitura essa intenção torna-se ato, quando são oferecidas aos alunos as condições para que eles tenham uma experiência ativa na elaboração do texto. Assim, concomitante ao trabalho mais técnico de como elaborar um texto, é preciso garantir um cumplicidade entre o aluno e a palavra. Essa cumplicidade acontece quando se estimula uma nova forma de lidar com a linguagem, para que o aluno veja a palavra como uma aliada e não como uma barreira.

É muito comum, na educação alunos que afirmam que são ruins para escrever, que não consegue entender como usar corretamente os sinais gráficos e a pontuação. Muitas vezes, esse tipo de resistência com relação aos processos de aprendizagem da escrita é conseqüência de mal sucedidas experiências anteriores. Por isso, investir na mudança de postura do aluno diante de suas dificuldades, fazendo-o incorporar uma visão diferente da palavra, associando o trabalho de escrita com suas necessidades mais urgentes poderia ser uma primeira meta.

2.4 Produção de textos escritos

Ao produzir um texto, o autor precisa coordenar uma série de aspectos: o que dizer a quem dizer como dizer. Ao escrever profissionalmente, raras vezes o autor realiza tais tarefas sozinho. Tão logo tenha colocado no papel o quem tem a dizer a seus potenciais leitores, verá seu texto, ainda em versão preliminar, ser submetido a uma série de profissionais: a leitores críticos, que analisarão relevância e adequação; a preparadores de originais, que promoverão eventuais ajustes na redação; a revisores, que farão uma varredura nos originais para localizar e corrigir possíveis deslizes no uso da norma; a coordenadores editoriais, que planejarão a composição final que o texto terá ao ser impresso.

As categorias propostas para ensinar a produzir textos permitem que, de diferentes maneiras, os alunos possam construir os padrões da escrita, apropiando-se das estruturas composicionais, do universo temático e estilístico dos autores que transcrevem, reproduzem, imitam. É por meio da escrita do outro que, durante as práticas de produção, cada aluno vai desenvolver seu estilo, suas preferências, tornando suas as palavras do outro.

Entretanto, começa-se e termina-se pela tarefa mais complexa, o texto de autoria do aluno: para poder mapear o que sabe sobre o gênero que está sendo estudado e o que precisa aprender, projetando as ações didáticas necessárias ou para avaliar os efeitos do trabalho realizado.

2.5 A refacção na produção de textos

Na escola, a tarefa de corrigir, em geral, é do professor. É ele quem assinala os erros de norma e estilo, anotando, às margens, comentários nem sempre compreendidos pelos alunos. Mesmo quando se exige releitura, muitos alunos não identificam seus erros, ou, quando o fazem, se concentram em aspectos periféricos, como ortografia e acentuação, reproduzindo, muitas vezes, a própria prática escolar.

No entanto a refacção faz parte do processo da escrita: durante a elaboração de um texto, se relêem trechos para prosseguir a redação, se reformulam passagens. Um texto pronto será quase sempre produto de sucessivas versões. Tais procedimentos devem ser ensinados e podem ser aprendidos.

A educação acha-se incluída entre os fatores culturais de um povo, as habilidades no contato social, nos comportamentos socialmente aceitos como padrões do grupo, devem ser consideradas. É o que se costuma chamar, no nível de senso comum de boa educação. A classe dominante que orienta e manipula a sociedade capitalista. É a classe dominante que determina o topo de educação que pretende a nação. Essa educação será baseada nos seus parâmetros e é a sua cultura (no sentido de capital cultural) que será aceita e que servira de padrão para sua educação. O individuo que não se enquadra nos requisitos culturais estabelecidos pela classe dominante - conhecimentos considerados básicos para a escolarização e domínio da linguagem, e não apresenta comportamentos “socialmente aceitos” será considerado sem cultura, esse indivíduo, será culturalmente marginaliza.

Os sujeitos e as suas famílias: assim como os alunos são diferentes entre si, eles também provem de lares diferentes. Tem pais que tem pensamentos, atitudes, comportamentos, modos de educar completamente diferentes. Os níveis desses pais variam. Alguns colocam objetivos muitos alto para seus filhos: a universidade e as profissões liberais. Outros são mais modestos, querem apenas que seu filho saia apto para iniciar-se em um oficio pratico ou em um emprego qualquer. Todas essas aspirações familiares se refletem no aluno e podem ocasionar mudanças no planejamento do professor, que se baseiam nos interesses e necessidades de seus alunos. Portanto, indiretamente, os diferentes objetivos das famílias irão se refletir no processo de ensino-aprendizagem.

REFERENCIAS

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 106p.

DROVET, Ruth Caribe da Rocha. **Distúrbios da aprendizagem**. São Paulo, 2001.

GUEDES, Paulo Coimbra. **Da redação escolar ao texto:** um manual de redação. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** Série Primeiros Passos. Editora Brasiliense.

MAROTE, João Teodoro D'olim: **Didática da língua portuguesa**. São Paulo, 1998.

PELLEGRINI, A.M. **A aprendizagem de habilidades motoras.** Revista Paulista de Educação Física, supl.3, 2000.

SOUZA, Luís Marques e CARVALHO, Sérgio Waldeck de. **Compreensão e produção de textos.** 2ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.